



FATOS E MARCOS DO MOVIMENTO LÉSBICO



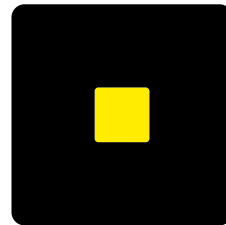
1980 - Surge o primeiro grupo de lésbicas do Brasil: “Grupo Lésbico-Feminista”.

1996 - Durante a realização do 1º Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE), organizado pelo Coletivo de Lésbicas do Rio de Janeiro (COLERJ), é criado o Dia Nacional da Visibilidade Lésbica: 29 de agosto.

A ALEM (Associação Lésbica de Minas Gerais) foi pioneira na luta por direitos em Minas Gerais, inclusive na organização da primeira Parada do Orgulho LGBTI do estado e uma das primeiras do Brasil.

29 DE AGOSTO - Um importante evento para o Movimento Lésbico atualmente é a Caminhada de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Grande BH, que ocorre anualmente.

- O elemento representado na capa deste folder é a fusão de dois símbolos, entre muitos representativos para a comunidade lésbica: o espelho de Vênus (símbolo do gênero feminino) e o labrys (machado de dois gumes, representando a força e a autossuficiência femininas).

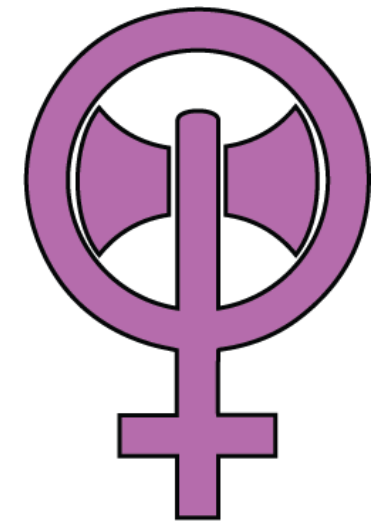


**CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
MINAS GERAIS**

Participe das atividades da Comissão de Psicologia, Gênero e Diversidade Sexual.

www.crpmg.org.br
www.facebook.com/crpmg
www.instagram.com/crpmg

MULHERES LÉSBICAS



**Comissão de Psicologia,
Gênero e Diversidade Sexual**



SER LÉSBICA



Lésbica é o termo mais comum para se referir às mulheres homossexuais (cis e/ou trans) que se relacionam afetivo-sexualmente e de forma exclusiva com outras mulheres.

Por se tratar de uma orientação sexual feminina, as lésbicas são levadas a lidar com um duplo processo de exclusão por parte da sociedade, por efeito das violências: por serem mulheres (machismo) e por serem lésbicas (lesbofobia).

Sem contar com as muitas outras exclusões que podem se adicionar a essas experiências, como o racismo, a xenofobia, a transfobia, o sofrimento mental, a intolerância religiosa, dentre outras opressões.

Assim, o machismo incide sobre essas mulheres de forma a violentá-las, assassiná-las e invisibilizá-las até mesmo dentro do Movimento LGBTI. Por muito tempo, as lesbianidades estiveram oprimidas pela homossexualidade masculina, demandando mais uma vez uma luta dupla por reconhecimento de suas especificidades.



ESTEREÓTIPO



A orientação sexual não está diretamente ligada a como estas mulheres se expressam. Portanto, existem mulheres lésbicas mais masculinas ou femininas e esta expressão não está de maneira alguma vinculada com os hábitos sexuais dessas mulheres.

A violência contra mulheres lésbicas se manifesta muitas vezes com os chamados estupros corretivos, em que são submetidas a relações sexuais com homens com o intuito de tentar “corrigir” sua orientação sexual. Em geral, cometidos por homens próximos e/ou familiares.



CONTEXTO HISTÓRICO



O termo “lesbianismo” foi cunhado na segunda metade do século XIX, como parte do processo de criação dos chamados “transtornos sexuais”. A orientação sexual lésbica, nesse momento, figurava como uma entre os demais transtornos do “homossexualismo” criado pela Medicina.

A existência da atração afetivo-sexual entre mulheres, no entanto, é algo muito antigo na cultura ocidental, remontando pelo menos até a Antiguidade Clássica. A taxação dessas pessoas como “doentes” foi somente mais um capítulo numa história de repressão política, jurídica e moral.

A partir da década de 1980, foi notório o fortalecimento da comunidade LGBTI politicamente.

Ainda assim, foi necessário que as mulheres lésbicas se organizassem em torno da sua bandeira própria para que fizessem valer suas demandas específicas e combatessem o seu “apagamento” dentro das lutas, principalmente a partir dos anos 1990.



O QUE A PSICOLOGIA TEM A VER COM ISSO?



Diversas áreas de conhecimento, como a Psicologia, contribuíram com a patologização, a criminalização e a exclusão das mulheres lésbicas ao longo da história. O “lesbianismo”, por exemplo, só deixou de se ser considerado doença pela Organização Mundial da Saúde em 1990.

Além dos discursos, a forma de organização das relações sociais pode oprimir de vários outros jeitos: a negação da sexualidade da mulher quando conveniente para um papel social específico; a hipersexualização das práticas lésbicas enquanto fetiche masculino; a negação de direitos e a permanência do discurso religioso opressor; as violências desumanas praticadas contra as lésbicas, entre outras.

Isso indica que mesmo as ideias que ficaram no passado geram consequências hoje. Cabe, portanto, à Psicologia uma responsabilidade histórica no combate ao machismo e à lesbofobia (discriminação voltada contra as mulheres lésbicas), além de um compromisso ético com os Direitos Humanos.

A Resolução CFP nº 01/1999 é uma das ações para a garantia desse posicionamento, ao banir da Psicologia qualquer prática patologizante das orientações sexuais ou tentativa de “reversão” das mesmas. Outras iniciativas, no entanto, ainda são necessárias.